

**NEM
PARAÍSO
NEM
INFERNO**

1. Revolução agrária assim profunda, num país tão extenso como a China (9.000.000 km²), não poderia ser feita sem maiores dificuldades e complicações. Uma série incrível de problemas surgiu a desafiar a argúcia e a capacidade de decisão dos dirigentes, que tinham de enfrentar, ao mesmo tempo, inimigos internos e, sobretudo, externos.

A quem examina o que ali foi feito nestes últimos dez anos, a quem se aprofunda no estudo imparcial ou na análise sem sectarismo das providências que se tomaram – desde a orientação geral da política agrária até as minúcias de medidas que foram adotadas, numa escala que devia adaptar-

se a regiões diferentes, habitadas por nacionalidades diversas com outros costumes e outras línguas –, será impossível deixar de proclamar que não faltou a Mao Tsé-tung uma elite altamente categorizada, que soube recrutar para a sua causa o melhor da inteligência e da cultura chinesas, a juventude da China e, acima de tudo, a multidão dos camponeses pobres e dos trabalhadores sem-terra que estavam lutando, há séculos, por sua libertação.

A esse respeito, a visão de Mao Tsé-tung só encontra paralelo na genialidade de Mahatma Gandhi que, seguindo outros caminhos, soube captar e orientar os sentimentos e as reivindicações do povo da Índia e levá-lo à independência política. Não conheci pessoalmente Mahatma Gandhi, mas senti, ao visitar o seu país várias vezes, como ele foi amado por seu povo. Falei com Mao Tsé-tung em duas oportunidades. Conhecia os seus escritos e a sua biografia, mas ainda não o tinha visto. Com ele conversei duas vezes. Olhei-o bem nos olhos. E a impressão que tive foi que defrontava um homem de extrema bondade e cordura, o que não exclui energia e coragem.

Refiro-me a isso porque, nas minhas andanças pelo mundo, tenho conhecido muitos chefes de Estado pessoalmente. E deles guardo a melhor impressão. Além dos presidentes do Brasil, também conheci Franklin D. Roosevelt, Dwight Eisenhower, Ibáñez, Elizabeth II, Hirohito, Sukarno e muitos outros chefes de Estado. De todos – repito – tive a melhor impressão pessoal. Entretanto, dois homens me comoveram pela aura de bondade que despendiam: Pio XII e Mao Tsé-tung. O primeiro, chefe da religião em que nasci e da

qual nada me apartará. O segundo, que segue uma filosofia, o marxismo-leninismo, muito diferente da minha, mas que, por sua atuação altruísta, humana e generosa, conquistou a minha admiração e o meu mais profundo respeito.

Sempre me pareceu que um líder com essas qualidades humanas não cometeria o erro de visão política, para mim grosseiro, de pensar que poderia realizar transformações tão profundas na estrutura econômico-social de sua Pátria sem o apoio entusiasta do povo. E, para isso e para obter esse apoio popular, ele não poderia ser contrário à índole, às aspirações e reivindicações do povo chinês. Senão, ele não seria o líder que é. Assim, nunca pude aceitar como exatas as críticas que a propaganda ocidental formula ao sistema de vida chinês.

2. Um dos erros crassos dessa campanha antichinesa é sustentar que um povo julga o seu regime não em função do seu próprio passado, mas tomando por paradigma o regime de outros povos. Isso é um falso critério que denota o orgulho dos dominadores de outros povos.

Evidente é que o povo inglês, por exemplo, ama o seu sistema de vida porque este resultou da sua experiência histórica. Todavia, não tolera e, às vezes, condena veementemente o sistema de vida dos Estados Unidos, cujo povo, por sua vez, ama o *american way of life*, porque também este resultou da sua experiência histórica. Seria uma tolice impor aos norte-americanos o *british way of life* ou aos ingleses o *american way of life*.

Igual infantilismo será, portanto, pensar que os chineses julgam o seu sistema de vida tomando por padrão o dos

ingleses ou o dos norte-americanos. Eles o julgam também em função da sua experiência histórica. Comparam o seu regime atual com aquele em que viveram sob a opressão colonialista e imperialista até 1949. Não acredito que na China algum chinês, em sã consciência, queira voltar ao regime das concessões estrangeiras e da ocupação japonesa, salvo os que disso se aproveitavam. Ele julga o regime atual como um passo à frente no progresso do seu país. O mesmo acontece com o norte-americano ou com o inglês. Qual o brasileiro que quer voltar ao regime do trabalho escravo, anterior à Abolição de 1888?

O sistema de vida de um povo é o resultante de fatores característicos de cada país: fatores geográficos, técnicos, climáticos, culturais que determinam a índole de cada um. Nenhum povo pode exportar o seu sistema de vida. O que é ótimo nos Estados Unidos pode ser péssimo na Inglaterra, no Brasil ou na China; e vice-versa.

3. Os Estados Unidos e a Inglaterra, por exemplo, que têm muito em comum (língua, religião), não se entendem na política internacional com a exatidão que seria natural se prevalecesse o falso critério. Leio no número do 35º aniversário da revista norte-americana *Foreign Affairs* (outubro de 1957) o seguinte comentário de Aneurin Bevan a respeito da política dos Estados Unidos em face da China:

“Para o britânico, ela não tem sentido e causa revolta (*bad blood*) tanto nos círculos de homens de negócio ingleses quanto entre aqueles que os americanos qualificam de radicais. É fácil para os britânicos entender e simpatizar com o tom emocional invocado. Soldados americanos foram

mortos pelos chineses na Coreia. É, portanto, compreensível que a opinião americana não possa ser levada facilmente a retomar relações de comércio normal com a China. Mas quando, ao contrário, verificamos a política americana com a Alemanha, torna-se difícil para nós entender aquele estado de emoção unilateral. Os Estados Unidos insistem em ajudar a Alemanha Ocidental, armando-a e trazendo-a para a NATO. No momento, não entro no mérito dos argumentos dessa política, mas, com maior razão, ela induz o britânico a não ter as mesmas emoções. Se foi somente ontem que chineses mataram soldados americanos (G.I.s), foi somente anteontem que os alemães mataram soldados britânicos (British Tommies) e soldados americanos. Levando isso em conta, receio que o argumento americano a esse respeito não tenha muito peso para a opinião inglesa.”

Realmente, enquanto os Estados Unidos se recusam a reatar relações com a China e a hostilizam da maneira que se conhece, armando Chiang Kai-shek e pressionando o Ocidente no sentido de impedir o ingresso dela na ONU, a Inglaterra mantém relações amistosas com o governo de Pequim e estabeleceu um comércio intenso, através, sobretudo, de Hong Kong.

A mesma divergência se manifestou quando a Inglaterra e a França se empenharam na operação militar de Suez. O Partido Trabalhista Britânico se declarou contrário à invasão; e Bevan a condenou com a maior veemência, apoiando a atitude dos Estados Unidos na ONU, também contrária à expedição anglo-francesa. Mas que aconteceu depois? Eis os comentários de Bevan na revista citada:

“Os oradores conservadores não se esforçaram por esconder o seu amargo ressentimento contra os Estados Unidos. Aqueles que, como eu, tinham sido por muitos anos sumamente críticos de certos aspectos da política exterior americana, foram deixados para trás em suas censuras. Os críticos conservadores de atitude do Presidente Eisenhower souberam compensar o tempo em que o deixaram de lado. Quando terminou o *affair* e o solo egípcio ficou livre dos invasores, eles apontaram, num triunfo cínico, a Doutrina Eisenhower sobre o Oriente Médio que imediatamente se seguiu como prova evidente da perfídia americana. Acreditaram que o Leão Britânico tinha sido enxotado de sua toca somente para que a Águia Americana pudesse dominar o mesmo território. Este ponto de vista persiste, e é reforçado pela suspeita, quase pela certeza, de que armas fornecidas pela América à Arábia Saudita foram recentemente empregadas contra interesses britânicos em Omã. É abertamente declarado na Inglaterra que os Estados Unidos são assistentes na liquidação do Império Britânico para que possam ser legatários do espólio.”

4. Não há nada mais difundido pela propaganda dirigida, nem menos consistente, do que dizer que o mundo está dividido em duas partes: mundo livre, que abrange os países capitalistas, e mundo escravo, que abarca os países comunistas. Num está o céu próspero, livre e feliz da Civilização Ocidental ou Cristã; noutro se situa o inferno da escravidão, da miséria e da desgraça, em que predomina o materialismo ateu.

É uma divisão que não chega a ser simplista porque é simplória. Aqueles que conhecem os dois mundos sabem que a URSS, a China e os demais países socialistas não são nenhum paraíso, mas estão longe de ser o inferno que se descreve. Certo é que o sistema de produção socialista resolveu muitos problemas que ainda angustiam o homem ocidental, mas ele não solucionou todos os problemas humanos, nem está em vias disso. São os problemas espirituais que independem dos sistemas de produção, mas do próprio homem, da sua consciência e da sua formação moral.

Mas seria negar a mais clara evidência dizer que tais problemas inexistem no Mundo Ocidental. Aqui não se resolvem sequer aqueles problemas de subsistência material que afligem o homem trabalhador. Uma real e honesta comparação entre os dois mundos chegaria a conclusões bem diferentes das apregoadas. Na Ásia, sente-se que uma velha civilização se rejuvenesce através das lutas que estão sendo travadas por seus povos. Na Índia, como na Birmânia, no Ceilão tanto quanto na Indonésia, há esperança e fé nos seus destinos. Entreabriu-se para eles um mundo novo, em que procuram livrar-se das servidões que lhes foram impostas pelas nações mais ricas e poderosas militarmente. No mundo árabe, nasce uma nova consciência de liberdade e os povos sacodem o jugo que sobre eles pesava. No Oriente, onde vivem dois terços da humanidade, fermenta-se o mundo do futuro, o mundo que o nacionalismo está forjando, o mesmo mundo que está nascendo na América Latina e no Brasil, especialmente. Lá está a China, a Nova China, libertada das concessões estrangeiras e da ocupação imperialista.

Mas o “nacionalismo é uma força que corta dentro do mundo soviético tanto quanto no mundo ocidental” – como objeta John F. Kennedy, democrata norte-americano, em *Foreign Affairs* (outubro, 1957).

A realidade, porém, é outra. No mundo ocidental, cujos sinais de decadência são visíveis a olho nu – decadência do Império Britânico, do colonialismo francês, holandês, português, belga e espanhol –, existe a mentalidade velha e bolorenta, cansada e exausta, que não quer aceitar as transformações dos outros povos e que somente pode oferecer pruridos de virilidade à custa de injunções dos empréstimos de Wall Street ou de ajudas do tipo da NATO. Na Europa, nos países colonizadores, predomina a perplexidade, a desorientação, quando não se chega ao desespero até.

O liberalismo, tão materialista quanto o comunismo ateu, está agonizante porque, tendo destruído os valores espirituais, não teve capacidade sequer para oferecer os sucedâneos de uma vida material organizada. Matou o espiritualismo e ainda conservou os povos na miséria.

Dentro de uma dialética incoercível, os novos povos socialistas estão forjando uma civilização em que se respeitam os valores religiosos, ao mesmo tempo em que se promovem as medidas para o bem-estar material. É por isso que a Ásia oferece um exemplo digno de atenção. De lá foi que desceu para o mundo ocidental toda a espiritualidade. Foi em Benares que Brahma subiu aos céus, há 8 mil anos, e Buda iniciou a sua pregação, há 2500 anos; lá Moisés recebeu os dez mandamentos, há 5 mil anos. Lá nasceu Jesus Cristo, há quase 2 mil anos, e Maomé viveu há mais de 1.400.

Confúcio e Lao-Tsé foram asiáticos, precisamente chineses, e não europeus.

Onde está a espiritualidade ocidental? Onde nasceu o materialismo? O materialismo é a doença do mundo ocidental e não do mundo oriental. O materialismo é lucubração dos filósofos europeus, desde a Grécia antiga. O materialismo informou o liberalismo, que domina os povos ocidentais. Ele impregnou a vida e os costumes do Ocidente. A civilização ocidental é, por isso, intrinsecamente materialista. De Cristã apenas roubou o adjetivo.

E daí a diferença de linguagem. Enquanto a União Soviética, percebendo bem o sentido do nacionalismo dos povos subdesenvolvidos e compreendendo as suas aspirações, fala uma linguagem cristã na conferência do Cairo – quando declara que está disposta a ajudar os povos pobres, sem nenhuma condição, como um irmão deve ajudar outro irmão –, qual a linguagem da Declaração de Paris e de outras conferências da NATO? É a linguagem pagã do *si vis pacem para bellum*, em contraposição ao ideal cristão de *si vis pacem para pacem*.

Donde vem a linguagem cristã? Dos que não são cristãos. É a linguagem de Mao Tsé-tung quando prega a paz e a amizade entre todos os povos do mundo, ou quando declara que não se pode governar um povo de 650 milhões senão pela inteligência e com o coração. *Misereor super turbam*.

Em Bandung ou em Pequim se usa a linguagem cristã e se sente o espírito da fraternidade cristã. Em Paris ou em Washington, os defensores da civilização cristã usam os métodos da força e as expressões pagãs. Não é, pois, muito

simplista a divisão do mundo em duas partes. Não é fácil verificar que as coisas boas e ruins, que são inerentes à condição humana, existem em toda parte, lá como aqui.

